VII Congresso Internacional de História do Acúcar

PAISAGENS, PATRIMÔNIOS E IDENTIDADES AÇUCAREIRAS

De 22 a 25 de junho de 2021

CADERNO DE RESUMOS



















Cátedra Jaime Cortesão- USP

Av. Prof. Lineu Prestes, 338 | Cidade Universitária

Cep. 05508-900 | São Paulo - SP

tel: +55 11 3091 2101 | + 55 11 3091 1511

email: cjc@usp.br

Comissão Gestora

Profa. Dra. Vera Lucia Amaral Ferlini (Presidente)

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Antônio Dimas

Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Iris Kantor

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Marcelo Candido da Silva

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Raquel Glezer

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Rodrigo Ricupero

Departamento de História (FFLCH-USP)

Selo Cátedra Digital

Marco Volpini Micheli Natalia Tammone Pablo Oller Mont Serrath Vera Ferlini

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO AÇÚCAR: PAISAGENS, PATRIMÔNIOS E IDENTIDADES AÇUCAREIRAS

São Paulo 22, 23,24 e 25 de junho 2021



Edição: Pablo Oller Mont Serrath, Natalia Tammone, Marco Volpini Micheli

Projeto Gráfico: Natalia Tammone

Diagramação e revisão: Natalia Tammone

Capa: Engenho de Itamaracá, Frans Post para Gaspar Barlaeus, 1647.

ISBN n° 978-65-993127-2-4

Edições Pensante

Av. Paulista, 545, cj 1101 Bela Vista I São Paulo - SP Cep. 01311-000

email: selocjc@usp.br



APRESENTAÇÃO

"A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos" Milton Santos

O VII Congresso Internacional de História do Açúcar, a realizar-se entre os dias 22 e 25 de junho de 2021, propõe dentro dos problemas atuais grande relevância, discutir PAISAGENS, PATRIMÔNIOS IDENTIDADES AÇUCAREIRAS. A preservação da memória e manutenção do patrimônio (enquanto espelho de seu tempo) são hoje, para o historiador, uma prescrição acadêmica. Utilizado para construir identidades; conferir status a determinada posição intelectual; incentivar a utilização de repertórios; enfim, reforçar a resistência de grupos, o patrimônio tornou-se um instrumento poderoso de expressão cultural. Tal premissa é essencial nas discussões propostas neste encontro, que articula, na perspectiva da História do Açúcar, paisagens, patrimônios e identidades, para mapear dimensões plurais que o universo açucareiro traduz. O aprofundamento da consciência crítica sobre as interfaces desse tripé possibilitará a percepção, simultaneamente global e local, das questões, discutindo os espaços de plantio, de fabrico, as dinâmicas mercantis e as diferentes "civilizações do açúcar" na qualificação desses marcos de identidade.

COMISSÃO CIENTÍFICA

- Ana Paula Torres Megiani Universidade de São Paulo
- Aisnara Perera Diaz –Secretaria Municipal de Cultura Bejucal / Casa de la Cultura de Bejucal - Cuba
- Daniel Campi Universidad Nacional de Tucumán / Conselho Nacional de Investigações Científicas e Tecnologicas
- Daniel Strum Universidade de São Paulo
- Iris Kantor Universidade de São Paulo
- José Jobson de Andrade Arruda Universidade de São Paulo
- Jose Piqueras Universitat Jaume I Valencia
- Maria Célia Bravo Universidad Nacional de Tucumán/ Conselho Nacional de Investigações Científicas e tecnologicas
- Stuart Schwartz Yale University
- Vera Lucia Amaral Ferlini Universidade de São Paulo

COMISSÃO ORGANIZADORA

- Vera Lucia Amaral Ferlini Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP
- Daniel Campi Universidad Nacional de Tucumán/ Conselho Nacional de Investigações Científicas e tecnologicas
- Pablo Oller Mont Serrath Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP
- Tathianni Cristini da Silva Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP / UNIMES-Santos
- Joana Monteleone Cátedra Jaime Cortesão FELCH-USP
- Fernando Ribeiro Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP
- Luís Otávio Pagano Tasso Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP
- Natalia Tammone Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP
- Beatriz Pacheco Jordão Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos PRCEU-USP
- Patricia Machado Cátedra Jaime Cortesão FFLCH-USP (in memoriam)

EQUIPE DE APOIO EXECUTIVO CÁTEDRA JAIME CORTESÃO

Pós-Graduandos

Camilla Russo Baptista Eduardo Silva Ramos Larissa Alves de Lima Marco Volpini Micheli

Graduandos

Bianca Giordano Salgueiro
Leandro César Tassa Garcia
Leonardo de Oliveira Santana
Lorrayne Lima Gonçalves
Marcos Lennon Jucá Lopes
Maria Beatriz Varella Pereira Pinto
Maria Eduarda Couto Nascimento
Mariane Lima dos Santos
Matheus Messias Godinho Gurgel
Rafael Franzese Salmim
Victoria Aparecida de Oliveira Pereira

SUMÁRIO

P	ROGRAMAÇÃO	. 11
	22 DE JUNHO	.11
	23 DE JUNHO	
	24 DE JUNHO	
	25 DE JUNHO	.17
R	ESUMOS	. 19
	Amanda Walter Caporrino (Universidade de São Paulo)	.19
	Amanda Walter Caporrino; Guilherme Souza Carvalho da Rocha Freitas (Universidade de São Paulo; Unidade de Preservação do Patrimônio Históri da Secretaria da Cultura e Economia Criativa de São Paulo)	
	Barbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins (Universidade de São Paulo)	.22
	Beatriz Pacheco Jordão; André Müller de Mello; Anna Maria Coelho Silva d Campos (Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos – USP)	
	Carlos Eduardo Nicolette (Universidade de São Paulo)	.25
	Carmen Lucia Muraro (IPHAN - Pesquisa Patrimônio Cultural e Ambiental)	.27
	Dalyson Viana de Carvalho; Mateus Da Conceição Santos (Universidade Federal do Maranhão)	.28
	Daniel E. Campi; Víctor Ataliva; Fernando Villar (Instituto Superior de Estud Sociales, ISES (UNT-CONICET)	
	Daniel Moyano (Instituto Superior de Estudios Sociales (CONICET-UNT)	.30
	Deborah Regina Leal Neves; Bárbara Marie Van Sebroeck Martins	.32
	(UPPH; Engenho da Toca)	.32
	Denise Rocha (Universidade Federal do Ceará)	.33

Paulo)	.34
Eloy Barbosa de Abreu (Universidade Estadual do Maranhão)	.35
Emanuele De Oliveira Teixeira (Universidade Federal da Bahia)	.37
Fernando Andrés Villar (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES - CONICET)	.39
Fernando Victor Aguiar Ribeiro (Cátedra Jaime Cortesão Universidade de São Paulo)	
Flaviana Maria Goggin de Assis (Universidade de São Paulo)	.42
Gabriel Carvalho Santos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)	.43
Gillian McGillivray (York University (Glendon College) – Toronto)	.44
Heitor P. de Moura Filho (Grupo de Estudo sobre o Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão)	.45
Heloísa Medeiros Rodrigues (Universidade Federal da Bahia)	.46
Ignacio Sanchez (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES-CONICET)	.48
Janaina Couvo Teixeira Maia (Secde Estado da Educação de Sergipe)	.50
Janaina Salvador Cardoso (UNESP/Franca)	.51
Jennifer Eaglin (Ohio State University)	.52
Joana Monteleone (Cátedra Jaime Cortesão I Universidade de São Paulo)	.54
José Evando Vieira de Melo (Prefeitura Municipal de São Paulo)	.55
Juliana de Oliveira Souza (Universidade Federal da Bahia)	.56
Larissa Alves de Lima (Universidade de São Paulo)	.58
Lélio Luiz de Oliveira (Faculdade de Economia, Adminisração e Contabilida de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)	
Lélio Luiz de Oliveira; Renato Leite Marcondes (Universidade de São Paulo)	61

Libia Amaral Corrêa (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)	.63
Lucas Alves da Rocha (Universidade Federal de Pernambuco)	.67
Marcelo Loyola de Andrade (Universidade de São Paulo)	.68
María Celia Bravo (Universidad Nacional de Tucumán – CONICET)	.69
María Soledad Gianfrancisco (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES - CONICET)	
Pablo Oller Mont Serrath; Rafael Coelho (Universidade de São Paulo)	.72
Roberta Barros Meira (Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)	.73
Roberto Emmanuel González (Universidad Nacional de Tucumán)	.74
Rosario Mocoroa (Universidad Nacional de Tucumán)	.75
Silvio Luiz Cordeiro (Universidade de São Paulo)	.76
Simone da Silva Viana (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro I RJ)	.78
Soledad Candelario (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES)	.79
Ulises Rafael Garcia (Facultad de Filosofia y Letras – Universidad Nacional (Tucuman)	
Stuart B. Schwartz (Yale University)	.82
Ulisses Pernambucano de Melo Neto (Patrimônio Cultural e Ambiental)	.83
Virgínia de Cerqueira Silva (Universidade de Évora)	.84



PROGRAMAÇÃO

22 DE JUNHO

(terça-feira)

ABERTURA

09:30 - 11:00

Vera Lucia Amaral Ferlini

Fazendas e Engenhos do litoral vicentino: traços de uma economia esquecida (séculos XVI-XVIII).

José Jobson Andrade Arruda

Fazendas Mistas: deslizamentos identitários.

SESSÃO 1 - GESTÃO PATRIMÔNIO AÇUCAREIRO

11:15 - 12:45

Mediação: Fernando Ribeiro

Daniel E. Campi; Víctor Ataliva; Fernando Villar

Patrimonio industrial de Tucumán, Argentina. Avances y perspectivas.

Deborah Regina Leal Neves; Bárbara Marie Van Sebroeck Martins

Engenho da Toca em Ilhabela: síntese, patrimônio e processo participativo.

Gabriel Carvalho Santos

Gestão do patrimônio açucareiro: discussões sobre possibilidades de administração conjunta do Engenho Vitória, Cachoeira, Bahia.

SESSÃO 2 – CULTURA LETRADA: ROMANCES, POEMAS, MEMÓRIAS E FOLHETINS

14:30 - 15:45

Mediação: Joana Monteleone

Denise Rocha

Cultura do açúcar na Paraíba: Paisagem física e social em Menino de engenho (1932), de José Lins do Rego.

Janaina Salvador Cardoso

As alegorias da cana-de-açúcar em língua portuguesa (séculos XVII e XVIII).

Líbia Amaral Corrêa

A doçaria cearense no "não me deixes" de Rachel de Queiroz.

SESSÃO 3 – PATRIMÔNIOS ECONÔMICOS DO AÇÚCAR: CAPITAIS, FINANÇAS E FORTUNAS

16:00 - 17:45

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

Carlos Eduardo Nicolette

Entre caminhos locais e negócios globais: Brigadeiro Luís Antônio de Sousa Queirós e o papel de grandes comerciantes na montagem do complexo açucareiro campineiro (1790-1818).

Eloy Barbosa de Abreu

Entre engenhos e engenhocas: terra, açúcar e cristãos-novos no maranhão colonial.

Lélio Luiz de Oliveira

Viver em dois mundos: investidores e imobilizadores (Vila do Conde, Portugal - 1560-1620).

Lélio Luiz de Oliveira; Renato Leite Marcondes

O açúcar brasileiro desembarcado no Porto - Portugal (segunda metade do século XVIII).

María Soledad Gianfrancisco

Empresa, patrimonio y sucesiones, el caso de la familia Nougués (1821 - 1986).

23 DE JUNHO

(quarta-feira)

APRESENTAÇÃO

09:30 - 10:30

Silvio Luiz Cordeiro

Ruínas de um Velho Engenho: Arqueologia da Arquitetura.

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

SESSÃO 4 – ARQUITETURAS AÇUCAREIRAS: MORADIAS, ENGENHOS E USINAS

10:45 - 12:30

Mediação: Luís Otávio Pagano Tasso

Carmen Lucia Muraro

O açúcar e a morada franciscana no Nordeste: senzala.

Emanuele De Oliveira Teixeira

O engenho vitória em cachoeira, Bahia: do apogeu ao declínio.

Heloísa Medeiros Rodrigues

A importância da usina açucareira Santo Antônio na região Centro-Oeste: algumas reflexões.

Ulisses Pernambucano De Melo Neto

O açúcar e a morada franciscana no Nordeste: senzala.

Virgínia de Cerqueira Silva

Convento de Santo Antônio do Paraguaçu, um convento no mundo açucareiro.

SESSÃO 5 – ARQUEOLOGIA DO AÇÚCAR: SÍTIOS E ARTEFATOS

14:30 - 15:45

Mediação: Natalia Tammone

Fernando Andrés Villar

La Arquitectura como máquina. Hacia una interpretación de los cambios tecnológico-productivos del Sitio Ingenio Lastenia (Tucumán - Argentina) desde la Arqueología de la Arquitectura.

Lucas Alves da Rocha

A santa e o engenho: um estudo arqueológico da ocupação lusobrasileira na baia de Suape (Cabo de Santo Agostinho, PE) entre 1580 a 1630.

Soledad Candelario

La tecnología agroindustrial cañera. Tucumán - argentina (1778 – 1870).

Daniel Moyano

Agua para los molinos de caña-azúcar. El empleo de la fuerza hidráulica durante la fase preindustrial y la modernización azucarera (Tucumán, Argentina, 1860-1880)

SESSÃO 6 – PATRIMÔNIOS ECONÔMICOS DO AÇÚCAR: CAPITAIS, FINANÇAS E FORTUNAS

16:00 - 17:45

Mediação: Luís Otávio Pagano Tasso

Amanda Walter Caporrino

O "papel" da Usina Monte Alegre na indústria brasileira (1930-1950). Ignacio Sanchez

1957-1966. Ensayando respuestas a la crisis azucarera tucumana.

Una solución provincial para el Ingenio Santa Ana (Tucumán, Argentina),

Juliana de Oliveira Souza

Transformações tecnológicas na produção do açúcar baiano nas primeiras décadas do século XIX.

María Celia Bravo

La formación de la Compañía Nacional Azucarera SA (CONASA) en tiempos de la dictadura argentina, 1970.

Pablo Oller Mont Serrath; Rafael Coelho

Legislação sobre dívidas dos senhores de engenho (Bahia, século XVII).

Ulises Rafael Garcia

Una aproximación a la crisis en la gestión económica del Ingenio Santa Ana (1958-1966).

24 DE JUNHO

(quinta-feira)

APRESENTAÇÃO

09:30 - 10:30

André Argollo

A relação açúcar-café no processo de conformação do território paulista

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

SESSÃO 7 – PAISAGENS DO AÇÚCAR: MATAS, LAVOURAS E FNGENHOS

10:45 - 12:45

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

Beatriz Pacheco Jordão; André Müller de Mello; Anna Maria Coelho Silva de Campos Muraro

Patrimônio histórico-arquitetônico e conservação da biodiversidade: o "Guia de Aves do Engenho dos Erasmos (PRCEU USP, Santos-SP)".

Barbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins

Bela Vila dos Engenhos: proposta de itinerário cultural em Ilhabela.

Flaviana Maria Goggin de Assis

Educação Patrimonial e o ensino da História: O Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos como construção da identidade vicentina.

Roberta Barros Meira

O entrelaçar de duas paisagens açucareiras: A indústria açucareira argentina e brasileira nas memórias de Rodriguez Marquina e J. Picard.

SESSÃO 8 – TEMAS, PROBLEMAS E FONTES PARA A HISTÓRIA DO AÇÚCAR

14:30 - 17:45

Mediação: Natalia Tammone

Fernando Victor Aguiar Ribeiro

"El primer y más antiguo trapiche del Río de la Plata": apontamentos sobre a "Historia del azúcar en el Paraguay" na historiografia paraguaia.

Heitor P. de Moura Filho

A produção canavieira numa região de agricultura diversificada. Cabo Frio-RJ em 1797.

Marcelo Loyola de Andrade

O Livro de imposto sobre a cachaça "espíritos fortes" de Ilhéus-Bahia, 1862-1889.

Mateus de Almeida Prado Sampaio; Roberta Barros Meira

Os deveres do Instituto do Açúcar e do Álcool no período Vargas, segundo o olhar de seus presidentes.

Roberto Emmanuel González

El diario El Trópico de Tucumán frente a la política azucarera peronista, 1947-1948.

Rosario Mocoroa

Aproximaciones historiográficas referentes al periodo de gestación de la moderna industria azucarera tucumana.

25 DE JUNHO

(sexta-feira)

APRESENTAÇÃO

09:30 - 10:30

Joana Monteleone

Fazer doces: saberes e sociabilidades

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

SESSÃO 9 - SABERES DO AÇÚCAR: HÁBITOS, HERANÇAS E RECEITAS

10:45 - 12:45

Mediação: Tathianni Cristini da Silva

Dalyson de Carvalho Viana; Mateus da Conceição Santos

A Produção de Cana-de-Açúcar em Urbano Santos – MA: herança cultural da produção de rapadura no povoado guaribas.

Eliane Morelli Abrahão

Os doces no cotidiano paulista (1860-1940).

Janaina Couvo Teixeira Maia

Heranças e memórias gastronômicas nos engenhos de Sergipe.

Larissa Alves de Lima

Notas sobre o licor nos livros de receitas doces.

APRESENTAÇÃO

14:30 - 15:00

Gillian McGillivray

Do paternalismo ao populismo em Cuba y Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 1886-1945.

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

SESSÃO 10 - O AÇÚCAR E O MUNDO DO TRABALHO

15:00 - 16:30

Mediação: Fernando Ribeiro

Amanda Walter Caporrino; Guilherme Souza Carvalho da Rocha Freitas

Um remanescente de transições: Ibicaba entre escravos e imigrantes na onda cafeeira pelas bordas do "Quadrilátero do Açúcar" (1817-1856).

Jennifer Eaglin

Mudando a onda: Guariba, açúcar, e Proálcool em 1984.

José Evando Vieira de Melo

Mercados livres, política independente e açúcar cativo.

Simone da Silva Viana

Auge e Declínio da Atividade Sucroalcooleira: As Transformações Do Mundo Do Trabalho Na Baixada Campista/RJ.

CONFERÊNCIA

16:45-17:30

Stuart Schwartz

A tomada da Bahia pelos holandeses e a "guerra de mercadores": o arbítrio de Francisco de Retama – 1624

Mediação: Vera Lucia Amaral Ferlini

ENCERRAMENTO

17:45



RESUMOS

Amanda Walter Caporrino (*Universidade de São Paulo*)
O "PAPEL" DA USINA MONTE ALEGRE NA INDÚSTRIA BRASILEIRA
(1930-1950)

Resumo:

Este trabalho apresenta considerações sobre as contribuições da Usina Monte Alegre para o desenvolvimento sucroalcooleiro no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, período marcado por acelerada industrialização e também por intervenção com a criação do Instituo do Açúcar e do Álcool (1933).Localizada em Piracicaba, no tradicional reduto canavieira de São Paulo, esse complexo usineiro da Refinadora Paulista S.A. fundada pelo imigrante italiano Pedro Morganti buscou na crescente indústria metalmecânica da região as possibilidades de adaptação e inovação para a fabricação do açúcar e etanol. Em suas instalações, foram também realizados experimentos para aprimoramento de variedades de cana-de-açúcar junto à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP) e projetos de motores à álcool combustível para locomotivas, aviões e veículos, idealizados em parceria com mecânico João Bottene, No esteio do Plano de Metas (1956), a usina implantou uma fábrica de papel alimentada por celulose extraída do bagaço residual de sua produção sucroalcooleira, que recebeu a vista do então presidente Juscelino Kubitschek. Os estudos partem da pesquisa apresentada na dissertação "Na era das usinas: a Usina Monte Alegre e

o desenvolvimento da agroindústria canavieira em São Paulo (1930-1964)", defendida em 2016 pelo Programa de Pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo.

Amanda Walter Caporrino; Guilherme Souza Carvalho da Rocha Freitas (Universidade de São Paulo; Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura e Economia Criativa de São Paulo)

UM REMANESCENTE DE TRANSIÇÕES: IBICABA ENTRE ESCRAVOS E IMIGRANTES NA ONDA CAFEEIRA PELAS BORDAS DO "QUADRILÁTERO DO AÇÚCAR" (1817-1856)

Resumo:

O presente trabalho resulta dos estudos de tombamento estadual da Fazenda Ibicaba. Localizada no atual município de Cordeirópolis, suas origens remontam a um engenho adquirido pelo Senador Nicolau Pereira de Vergueiro em 1817, às vésperas da independencia do Brasil (1822). Nessa fase de expansão cafeeira em São Paulo, canaviais e cafezais disputaram as franjas da área definida primeiramente por Caio Prado Jr. como "Quadrilátero do Açúcar". Com o risco de esvaziamento das senzalas diante da iminente proibição do tráfico de escravos enunciada pela Lei Feijó (1831), Ibicaba recebeu os primeiros colonos imigrantes, tornando-se um marco na história do trabalho também pela chamada "Revolta dos Parceiros" (1856). À luz do patrimônio cultural, as análises técnicas em andamento consideram esse remanescente um documento representativo de transições fundamentais, em que conviveram nos mesmos espaços: colônia e império; açúcar e café; escravos e imigrantes.

Barbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins (Universidade de São Paulo)

BELA VILA DOS ENGENHOS: PROPOSTA DE ITINERÁRIO CULTURAL EM ILHABELA

Resumo:

O presente trabalho procura estudar um tema pouco abordado: os engenhos de Ilhabela. A história da cana no arquipélago, que contou com seus mais de trinta engenhos que desenvolveram atividades no fabrico de açúcar e aguardente ao longo de dois séculos, transformou radicalmente sua paisagem com o cultivo extensivo de cana-de-açúcar. A Mata Atlântica, que permaneceu virgem em algumas porções, retomou o seu lugar nos morros, fomentada pela criação do Parque Estadual da Serra do Mar. A partir de um inventário elaborado em outra pesquisa da autora, a proposta se enquadra em uma oportunidade não apenas de divulgação científica ou história pública para parte dos teóricos da pesquisa sobre os engenhos, bem como a chance de propor um novo debate para as questões da memória e da história de Ilhabela. Mediante trabalho de campo exploratório e estudos de viabilidade, propõe-se a construção de um itinerário cultural, categoria estabelecida pela Carta Internacional sobre os Itinerários Culturais (2008) produzida pelo ICOMOS, procura tornar a camada dos engenhos novamente visível, dentro dos conceitos de rugosidades de Milton Santos. O itinerário cultural pretende ainda suscitar debates acerca do uso do patrimônio agroindustrial pelo turismo bem como o patrimônio arqueológico, ambos em análise de estudo.

Beatriz Pacheco Jordão; André Müller de Mello; Anna Maria Coelho Silva de Campos (Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos – USP)

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE: O "GUIA DE AVES DO ENGENHO DOS ERASMOS (PRCEU USP, SANTOS-SP)"

Resumo:

O Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, em Santos (SP). Por tratar-se da mais antiga evidência física preservada da colonização portuguesa em território brasileiro, tendo sido erquido em 1534, o local constitui complexo arquitetônico único em território brasileiro. Em virtude de seus aspectos socioambientais, o bem cultural congrega esforços paralelos de conservação do patrimônio histórico e de preservação da biodiversidade. Tais ações de valorização patrimonial (natural e humano) se entrelaçam e complementam, para que o território onde está inserido o sítio arqueológico seja percebido, apropriado e valorado pela sociedade como um local que ofereça, concomitantemente: (a) testemunho ao passado e ao presente das relações socioespaciais e simbólicas entre indivíduos e seu meio ambiente; e (b) diálogos entre a instituição que detêm a guarda do sítio (USP) e as culturas, práticas e tradições locais. A presente comunicação aborda o processo de criação do "Guia de Observação de Aves do Engenho dos Erasmos", que, envolvendo recursos de dois editais, uniu servidores e docentes do Engenho dos Erasmos, do Museu de Zoologia da USP (MZUSP), do Instituto de Biociências da USP (IB-USP) e da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Santos (SEMAM PMS), trazendo recorte de 43 espécies integrantes da lista de 87 espécies já observadas no local. O material didático, bilíngue, apresenta sugestão de roteiro de observação, além de informações sobre a Mata Atlântica da região. Como obra de culminância, fruto de mais de uma década de parceria entre a USP e a SEMAM Santos, o material didático, já disponível para download, faz parte de uma série de ações educativas e culturais desenvolvidas pela equipe RESJE ao longo dos anos. A publicação será utilizada presencialmente pelos visitantes do sítio com o objetivo de enriquecer a prática de lugares de memória como o Monumento Nacional e outros locais congêneres da região onde caibam ações educativo-culturais conservacionistas.

Carlos Eduardo Nicolette (Universidade de São Paulo)

ENTRE CAMINHOS LOCAIS E NEGÓCIOS GLOBAIS: BRIGADEIRO LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA QUEIRÓS E O PAPEL DE GRANDES COMERCIANTES NA MONTAGEM DO COMPLEXO AÇUCAREIRO CAMPINEIRO (1790-1818)

Resumo:

A formação do complexo açucareiro paulista tem sido investigada, nas últimas décadas, por uma série de historiadores, que procuraram evidenciar a construção de uma elite local. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo geral a análise do papel exercido pelos comerciantes no processo de montagem dos engenhos na vila de Campinas/SP, iniciado após a Revolução de Saint-Domingue (1791). Campinas possui, de maneira intrínseca às suas origens, a influência de negociantes, haja vista que foi ocupada, ainda na primeira metade do século XVIII, como pouso para os viajantes que se moviam entre Santos, São Paulo e as novas jazidas auríferas em Goiás e Mato Grosso. A abertura de estradas e o investimento de comerciantes, conforme argumenta o presente trabalho, não estiverem presentes apenas na fundação da vila, mas, sobretudo, na formação de seu complexo açucareiro. Durante o processo de montagem dos engenhos campineiros, a vila possuía a maior taxa de absenteístas da região. Importante destacar que tais sujeitos eram, além de moradores de outras locais, todos comerciantes. Personagem que se destacou em Campinas foi Brigadeiro Luís Antônio de Sousa Queirós, negociante de grosso trato, proprietário de cinco em engenhos em Campinas, ao menos três sociedades com engenhos alheios e dezenas de outras dívidas ativas com senhores de engenho da vila. Além disso, Brigadeiro Luís Antônio investiu na criação de caminhos, os quais vieram a facilitar o comércio de

açúcar que ele próprio realizava. Com o auxílio da Demografia Histórica, e a partir da utilização das listas nominativas de habitantes e dos inventários post-mortem, a presente investigação identificou na reversão de capitais advindos dos grandes comerciantes, a convergência de estratégias econômicas que financiaram a transformação da paisagem de Campinas entre 1790 e 1818. Em outras palavras, este trabalho discute de quais maneiras esses agentes ligados diretamente ao mercado global, possibilitaram a imensidão de canaviais no Oeste Paulista.

Carmen Lucia Muraro (IPHAN - Pesquisa Patrimônio Cultural e Ambiental)

O AÇÚCAR E A MORADA FRANCISCANA NO NORDESTE: SENZALA

Resumo:

Esta apresentação está focada na presença da senzala nos programas arquitetônicos da Ordem Franciscana no Nordeste brasileiro. Com base nas pesquisas documentais realizadas na Paraíba, entre 2018 e 2020 sobre o tema, ficou reiterada a participação do açúcar na presença da morada dos escravos nos conjuntos religiosos desta Ordem, desde o XVII.

Dalyson Viana de Carvalho; Mateus Da Conceição Santos (Universidade Federal do Maranhão)

A PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR EM URBANO SANTOS – MA: HERANÇA CULTURAL DA PRODUÇÃO DE RAPADURA NO POVOADO GUARIBAS

Resumo:

O presente estudo busca compreender a importância da produção de rapadura no povoado Guaribas, bem como entender como ocorre o processo de fabricação desse subproduto. Tem como base a produção da cana-de-açúcar partindo do processo de inserção dessa planta pelos colonizadores do Brasil no século XVI, a qual impulsionou o cenário econômico e da expansão por novos territórios. Em seguida, buscamos compreender a importância da produção de cana-de-açúcar no povoado Guaribas (Urbano Santos - MA) e como ocorrem os processos de fabricação da rapadura em um contexto caracterizado pela produção artesanal, onde se tem a presença de utensílios e ferramentas tradicionais e que tem características voltadas para os saberes transmitidos de geração para geração. Adotamos uma pesquisa de cunho exploratório e bibliográfico, onde foram utilizados questionários semiestruturados para melhor compreensão da temática, de forma a enfatizar a história oral e as caraterísticas presente neste tipo de fonte histórica. Com a análise dos questionários foi possível compreender como acontece à fabricação da rapadura em um contexto local, onde se fez necessário ter um diálogo com os entrevistados enfocando inicialmente às ações cotidianas e posteriormente, às ações referentes à fabricação do produto (rapadura) fazendo relação com os benefícios culturais e econômicos advindos com o cultivo desse produto.

Daniel E. Campi; Víctor Ataliva; Fernando Villar (Instituto Superior de Estudios Sociales, ISES (UNT-CONICET)
PATRIMONIO INDUSTRIAL DE TUCUMÁN, ARGENTINA. AVANCES Y
PERSPECTIVAS

Resumo:

Desde hace unos 15 años una serie de investigaciones y proyectos que involucran el patrimonio industrial de Tucumán -y con asiento en el Instituto Superior de Estudios Sociales, ISES (UNT-CONICET)- abordan los vestigios materiales de espacios productivos de los siglos XIX y XX. De manera incipiente, publicaciones, tesis e informes comenzaron a dar cuenta de los importantes recursos culturales fabriles e industriales urbanos y rurales- de la provincia. A partir de tres casos de estudio, presentamos los resultados de intervenciones patrimoniales llevadas a cabo en Tucumán y que enfatizan la relevancia de confrontar los saberes locales (por ejemplo, de los ex trabajadores y sus familias), las consideraciones institucionales y las concepciones académicas a los fines de plantear políticas públicas de diagnóstico y revitalización del patrimonio industrial tanto en pueblos que fueron generados junto a los ex espacios fabriles como aquellos recursos patrimoniales que se encuentran en la Capital de la provincia. El objetivo: reflexionar críticamente sobre las perspectivas futuras del patrimonio industrial local.

Daniel Moyano (Instituto Superior de Estudios Sociales (CONICET-UNT)

AGUA PARA LOS MOLINOS DE CAÑA-AZÚCAR. EL EMPLEO DE LA FUERZA HIDRÁULICA DURANTE LA FASE PREINDUSTRIAL Y LA MODERNIZACIÓN AZUCARERA (TUCUMÁN, ARGENTINA, 1860-1880)

Resumo:

Un tópico que concitó especial atención en los estudios de historia agraria de Latinoamérica fueron los usos y las disputas por el acceso al agua para riego, temática que también se abordó desde la historia del azúcar en diferentes puntos del continente. La historiografía azucarera tucumana ofrece avances significativos al respecto, ya sea en la progresiva racionalización de su uso hasta la creación de una ley provincial de riego, en 1896; o bien, en la alta conflictividad que generó su distribución, con disputas entre dueños de ingenios y plantadores, o entre grandes propietarios y pequeños agricultores. Con todo, consideramos que ha concitado un menor interés el empleo del agua como fuente energía en los trapiches azucareros.

La introducción de la maquinaria a vapor en la industria azucarera tucumana, durante el último cuarto del siglo XIX, generalmente se ha identificado como un momento bisagra entre una producción de azúcar con implementos rudimentarios movidos por fuerza animal y el establecimiento de modernas fábricas con equipos de mayores escalas. Empero, desde los inicios del siglo XIX hasta la etapa conocida como de "transición" entre la fabricación preindustrial y la moderna agroindustria –aproximadamente entre 1860-1880–, las fuentes de energía disponibles para el movimiento de los implementos y equipos de fabricación fueron la fuerza animal y también la fuerza del agua, de amplia utilización en otras producciones como los molinos harineros o la minería.

La presente ponencia realizará una primera aproximación a la tecnología y la infraestructura hidráulica orientada al aprovechamiento del agua como fuente de energía para generar fuerza y movimiento en la molienda de caña de azúcar. Nuestras fuentes principales serán los padrones impositivos, prensa gráfica, descripciones de contemporáneos y los restos materiales de acueductos y soportes de ruedas hidráulicas que aún se conservan en diferentes puntos de la provincia de Tucumán.

Deborah Regina Leal Neves; Bárbara Marie Van Sebroeck Martins (UPPH; Engenho da Toca)

ENGENHO DA TOCA EM ILHABELA: SÍNTESE, PATRIMÔNIO E PROCESSO PARTICIPATIVO

Resumo:

A ilha de São Sebastião conta com um rico acervo arqueológico e patrimônio edificado dos séculos XVIII ao XX. Dentro desse rol de ruínas e prédios, encontra-se um interessante e ainda pouco analisado momento produtor da ilha: os engenhos de açúcar e cachaça. Foram trinta e um centros produtores ao longo de quase duzentos anos, período em que a cana-de-açúcar alterou consideravelmente as características físicas da ilha. A renovação da Mata Atlântica é de extremo interesse no estudo do contexto da mudança agrícola da ilha e da construção de sua paisagem. O engenho da Toca, última destilaria ainda em funcionamento, tem sido estudado como exemplar que sintetiza a história da cana em Ilhabela, recuperada por documentos oficiais, memórias e intervenções. Estes estudos, realizados pela família proprietária do engenho, forneceram elementos para a elaboração de estudo e proposta técnica de reconhecimento como patrimônio cultural do Estado de São Paulo. A comunicação abordará os aspectos da pesquisa e da colaboração entre a equipe técnica do Condephaat e parte das proprietárias na construção de proposta pelo tombamento do engenho da Toca. A proposta pelo tombamento reconhecimento oficial à relevância da produção açucareira do Litoral Norte no Estado de São Paulo e amplifica estudos relacionados à economia açucareira da região.

Denise Rocha (Universidade Federal do Ceará)

CULTURA DO AÇÚCAR NA PARAÍBA:PAISAGEM FÍSICA E SOCIAL EM MENINO DE ENGENHO (1932), DE JOSÉ LINS DO REGO

Resumo:

Em Menino de engenho (1932), obra inaugural do 'ciclo da cana de açúcar', constituído por Doidinho (1933), Banguê (1934) e Usina (1936), José Lins do Rego delineia a estrutura agrária do açúcar: desde o cultivo do canavial, passando pela moagem e pelo fabrico do mel batido e o de furo, e do açúcar bruto e o purgado, chegando à comercialização. O objetivo do estudo é apresentar no latifúndio, o Engenho Santa Rosa, as relações patrimoniais do Coronel José Paulino com os empregados, alguns antigos escravos, outros agregados: os transportadores (mestres carreiros e os cambiteiros), os técnicos (os maquinistas ou tombadores de cana, os fornalheiros, os caldeeiros, os purgadores, os mestres ou mestres de açúcar, os cozinhadores, os purgadores e os destiladores) e os aguardenteiros. A análise será baseada nos conceitos de 'lugar concreto' e de 'espaço abstrato', de Yi-Fu Tuan em Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.

Eliane Morelli Abrahão (Universidade de Campinas e Universidade de São Paulo)

OS DOCES NO COTIDIANO PAULISTA (1860-1940)

Resumo:

O ciclo da cana-de-açúcar nas colônias promoveu um crescente consumo de açúcar e, no Brasil, não poderia ser diferente, já que éramos um dos grandes produtores dessa especiaria. Este ingrediente foi incorporado ao nosso cotidiano e o brasileiro tornou-se um exímio doceiro. Os doces representavam o auge da refeição, em um tempo em que os bolos eram acompanhamentos obrigatórios do café ou do chá na recepção das visitas.

A doçaria se impôs, alimentando e celebrando o paladar dos paulistas. A leitura de 1013 receitas culinárias confirma isso e a partir delas, apreendemos as escolhas alimentares da sociedade paulista, no período histórico de 1860-1940. As receitas culinárias possibilitam ao historiador identificar as técnicas de preparo, os ingredientes, os artefatos e, certamente as formas de transmissão de tais saberes.

Nesta apresentação exponho este universo com especial enfoque nas receitas compartilhadas entre as mulheres de uma mesma família e de seu convívio social. Quais receitas foram perpetuadas, descontinuados ou ressignificadas, tendo como ingrediente comum o açúcar.

Eloy Barbosa de Abreu (Universidade Estadual do Maranhão)

ENTRE ENGENHOS E ENGENHOCAS: TERRA, AÇÚCAR E CRISTÃOS-NOVOS NO MARANHÃO COLONIA

Resumo:

O presente artigo tem por tema a posse de terras e a produção de canade-açúcar – e seus derivados – por famílias de cristãos-novos no Estado colonial do Maranhão entre os séculos XVII e XVIII. Qual a relação entre os pedidos de sesmarias nas regiões ribeirinhas do Maranhão por sujeitos cristãos-novos e a produção e comércio de açúcar e aquardente, é a problemática central desse artigo. Neste sentido, o objetivo geral é analisar o patrimônio fundiário de famílias de cristãos-novos, suas lavouras de cana-de-açúcar e suas produções de açúcar e aguardente. Para tanto, dispõe-se de um conjunto de fontes históricas digitais requerimentos, cartas, testamentos, inventários, denúncias, dentre outras - presente no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) e Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). A metodologia consiste em levantar e analisar o maior número de informações possíveis sobre esses sujeitos, buscando pelo sobrenome de uma das principais famílias de cristãos-novos no Maranhão Colonial: os Andrades. O referencial teórico e historiográfico que fundamenta esse artigo incide em produções que dialogam sobre política, economia, religião e a história do Maranhão Colonial – ABREU, CHAMBOULEYRON, 2010; CORRÊA, 2010; MENDONÇA, RICUPERO, 2009. Para uma melhor sistematização, esse artigo está dividido em duas partes: primeiramente, aborda-se o contexto do Estado colonial do Maranhão e o cultivo de cana-de-açúcar na região, em seguida, analisa-se a atuação dos Andrades na ocupação de terras e

produção e comércio de açúcar e aguardente nas principais vilas e cidades do Estado.

Emanuele De Oliveira Teixeira (Universidade Federal da Bahia)

O ENGENHO VITÓRIA EM CACHOEIRA, BAHIA: DO APOGEU AO DECLÍNIO

Resumo:

O Engenho Vitória, localizado na zona rural conhecida como Vitória do Paraguaçu, às margens do Rio Paraguaçu, em Cachoeira, Bahia, teve sua construção iniciada em 1812, em plena fase de reestruturação da economia açucareira do Recôncavo Baiano, e foi considerado um dos complexos produtivos mais importantes dessa região. Essa implantação estratégica permitiu o escoamento da sua produção, dada a proximidade com a cidade de Cachoeira e, um pouco mais distante, com o porto de Salvador. Constituído por várias edificações: sobrado (casa-grande), banheiro primitivo, fábrica, capela, senzala, aqueduto, casa dos homens livres, casa do capelão, depósitos, destilaria, ferraria, carpintaria, tanoaria, olaria, entre outros, foi erguido pelo comendador Pedro Bandeira, abastado negociante e senhor de engenhos da região e um dos introdutores da navegação a vapor na Bahia. Este engenho destacou-se pela produção inicial de açúcar, seguida da de aguardente e, posteriormente, de tijolos, sendo considerado uma das maiores olarias da Bahia. O sobrado do Engenho Vitória é um dos mais representativos exemplos de casa rural do século XIX; incorporou, naquela época, as novas formas de viver e morar, introduzidas pelos conceitos de salubridade doméstica. Em 1943, esse conjunto foi reconhecido como bem de valor histórico-artístico e tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O Engenho Vitória resistiu enquanto produtor de aguardente até 1950, quando encerrou definitivamente suas atividades devido ao acúmulo de dívidas sociais (empregatícias), com o confisco de seus bens, que foram apropriados pelo Instituto do Açúcar e do Álcool. Chegou à década de 1980 em estado avançado de degradação e hoje encontra-se em total abandono (as construções remanescentes: capela, sobrado, banheiro primitivo, aqueduto e os pilares da fábrica estão em ruínas), apesar de fazer parte da rota de turismo de aventura, principalmente de trilha e ciclismo. Diante deste contexto e da importância econômica, política, social, cultural e arquitetônica do Engenho Vitória para a Bahia, ressaltada por diversos autores consultados, este trabalho tem como objetivo retratar a vida deste engenho desde seu início até a decadência, em termos de produção fabril, escoamento (meios de transporte) e mão-de-obra empregada; do ambiente político da época; dos costumes sociais locais e da tipologia arquitetônica. Destaca-se a importância desta pesquisa, de caráter descritivo, na sistematização de imagens antigas e atuais, além de dados e informações que contribuem para o resgate e registro da memória dos engenhos na Bahia e para a preservação do patrimônio.

Fernando Andrés Villar (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES - CONICET)

LA ARQUITECTURA COMO MÁQUINA. HACIA UNA INTERPRETACIÓN DE LOS CAMBIOS TECNOLÓGICO-PRODUCTIVOS DEL SITIO INGENIO LASTENIA (TUCUMÁN - ARGENTINA) DESDE LA ARQUEOLOGÍA DE LA ARQUITECTURA

Resumo:

El Sitio Ingenio Lastenia (SIL) es una unidad productiva de derivados de la caña de azúcar fundada en la década de 1830 y cerrada en 1966. Desde el año 2013 a la fecha, el sitio es trabajado de manera sistemática combinando herramientas teórico-metodológicas procedentes de la Arqueología y la Historiografía. Dentro de este marco, los aportes de la Arqueología Industrial (AI) y la Arqueología de la Arquitectura (AA) han sido centrales para aproximarnos al pasado del SIL.

En este trabajo, se definen y ubican cronológicamente las fases constructivas que dieron forma a los edificios del sector productivo de la planta entre 1880 y 1930; y se abordan las relaciones existentes entre los cambios espaciales-arquitectónicos, y las modificaciones en las dinámicas tecnológicas y productivas del SIL.

Para alcanzar nuestros objetivos, nos basamos en una serie de principios propuestos por la AI y la AA, y partimos de la consideración de que dentro de los contextos productivos industriales las construcciones arquitectónicas son, al igual que las maquinarias y otras materialidades, una manifestación de los sistemas tecnológicos intervinientes en los procesos productivos. De esta manera, se combinaron metodologías propias de la AA e información procedente de fuentes documentales escritas e iconográficas. Esta labor, posibilitó trazar una secuencia cronológica-constructiva clara para la unidad productiva, definir vínculos

entre arquitectura, producción y sistemas tecnológicos; y finalmente establecer una clasificación y registro de los diversos materiales constructivos utilizados en la fábrica durante diferentes épocas.

Consideramos que los resultados que aquí se presentan, son un aporte de relevancia para el estudio de los contextos productivos azucareros desde su cultura material, y evidencian el potencial de los estudios arqueológicos a la hora de inferir la forma en que se manifestaron a nivel material los procesos tecnológico-productivos y económicos que atravesó la provincia de Tucumán.

Fernando Victor Aguiar Ribeiro (Cátedra Jaime Cortesão l Universidade de São Paulo)

"EL PRIMER Y MÁS ANTIGUO TRAPICHE DEL RÍO DE LA PLATA": APONTAMENTOS SOBRE A "HISTORIA DEL AZÚCAR EN EL PARAGUAY" NA HISTORIOGRAFIA PARAGUAIA

Resumo:

Pretendemos nessa apresentação compreender o papel da obra "Historia del azúcar en el Paraguay" de Eugenio Friedmann. Escrita em 1966, representa um estudo fundamental para a compreensão da história açucareira no Paraguai. Tal fato torna-se relevante por abordar uma produção secundária na economia colonial e independente do país, que teve a erva-mate como principal produto de exportação. Assim, pretendemos apresentar a obra a partir de dois eixos analíticos: o primeiro refere-se ao conteúdo da obra, bem como a escolha das fontes documentais, e o segundo trata-se da inserção dessa no cenário político paraguaio da segunda metade do século XX. Cabe destacar que a produção de estudos históricos no Paraguai esteve relacionada com a consolidação de um discurso de legitimação de grupos políticos e econômicos. Com isso questionamos qual o projeto dessa obra e quais resultados logrou consolidar no cenário político paraguaio.

Flaviana Maria Goggin de Assis (Universidade de São Paulo)

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DA HISTÓRIA: O MONUMENTO NACIONAL RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE VICENTINA

Resumo:

O trabalho a ser apresentado consolidou-se em capítulo publicado por meio no livro Urdiduras de Ariadne: Contribuições da História Cultural aos labirintos do Patrimônio, Linguagens e Movimentos Sociais. A referente pesquisa foi desenvolvida ao longo da Especialização "História e Cultura no Brasil Contemporâneo", pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo como objeto de pesquisa o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. A pesquisa contou, ainda, com a participação de alunos e professores para que pudéssemos apresentar, estudar, conhecer e reconhecer espaços de memória referentes à identidade do município de São Vicente, por meio do estudo de campo possibilitando assim uma maior aproximação com o patrimônio cultural.

Gabriel Carvalho Santos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

GESTÃO DO PATRIMÔNIO AÇUCAREIRO: DISCUSSÕES SOBRE POSSIBILIDADES DE ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DO ENGENHO VITÓRIA, CACHOEIRA, BAHIA

Resumo:

Pretende-se discutir acerca de noções iniciais sobre a viabilidade de uma gestão conjunta do Engenho Vitória, importante equipamento industrial açucareiro que foi fundado em Cachoeira, Bahia, em 1812, e funcionou por mais de um século na região, sobretudo por contar com o apoio de indivíduos da comunidade quilombola do Engenho da Vitória, formada por sujeitos que atuaram ou que descendem de ex-trabalhadores que operaram neste espaço arquitetônico, que atualmente está em processo de deterioração. Com isso, a ideia é discutir sobre possibilidades que visem a recuperação e consequente uso deste bem patrimonializado a partir do somatório de forças entre a Administração Pública, por meio de suas diferentes instâncias, e a comunidade local, com o intuito de verificar novas formulações acerca o gerenciamento de construções do perído canavieiro com a inclusão da sociedade civil.

Gillian McGillivray (York University (Glendon College) – Toronto)

DO PATERNALISMO AO POPULISMO EM CUBA Y CAMPOS DOS GOYTACAZES, RIO DE JANEIRO, 1886-1945

Resumo:

Quando os donos de engenhos e usinas acucareiros em Cuba e no Brasil perderam sua força de trabalho escravizada em 1886 e 1888, eles tiveram que se esforçar para expandir seus relacionamentos com trabalhadores e agricultores livres. Suas fábricas—cada vez maiores—precisavam de trabalhadores para operar as máquinas e cana para alimentá-las. Alguns industriais optaram por comprar cana de agricultores independentes, outros optaram por arrendar suas terras através de acordos de parceria e outros contrataram trabalhadores para plantar e cortar cana em terras das fábricas. Esta apresentação vai comparar essas relações em Cuba e Campos dos Goytacazes, detalhando as tensões que surgiram entre os produtores de cana e os proprietários de fábricas. Também comparará como o estado interagiu com esses dois grupos durante a montanharussa de mudanças nos preços do açúcar de 1920 a 1945, contrastando as abordagens de Gerardo Machado (1925-1933) e Fulgencio Batista (1940-1944) às táticas de Getúlio Vargas e Amaral Peixoto - Interventor do Rio de Janeiro de 1937 a 1942. As fontes para a seção brasileira da apresentação incluem os "relatórios narrativos" ("narrative reports") do "Foreign Agricultural Services" do Arquivo Nacional dos Estados Unidos; cartas e panfletos da Fundação Getúlio Vargas, e jornais de Campos dos Goytacazes. A seção cubana será extraída de fontes primárias e secundárias usadas em meu livro Blazing Cane: Sugar Communities, Class, and State-Formation in Cuba, 1868-1959 (Duke University Press, 2009).

Heitor P. de Moura Filho (Grupo de Estudo sobre o Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão)

A PRODUÇÃO CANAVIEIRA NUMA REGIÃO DE AGRICULTURA DIVERSIFICADA, CABO FRIO-RJ EM 1797

Resumo:

É sabido que se plantou cana-de-açúcar em quase todo o território brasileiro, destinada a produção de açúcar, de aguardente e para consumo direto do caldo. Os levantamentos da população e da produção econômica realizados na última década do século XVIII em algumas freguesias fluminenses são as fontes que mais se aproximam das listas nominativas disponíveis em grande número para as capitanias de São Paulo, incluindo o atual Paraná, e Minas Gerais. Para a capitania do Rio de Janeiro, somente foram listados nominalmente os chefes de fogos. Suas famílias, agregados livres e escravos foram apenas quantificados, juntamente com indicação das terras ocupadas, do gado existente e da produção agrícola no ano anterior. Apesar de sujeitos a várias prováveis imprecisões, estas fontes representam a informação mais detalhada, fogo a fogo, sobre o território fluminense em todo o período escravista. Analisamos o "Mapa geral dos fogos, população, engenhos, fábricas, gados e rendimento anual pertencente ao distrito de Cabo Frio" (AHU-Rio de Janeiro, cx.165, doc.62, no Projeto Resgate), que permite importantes conclusões sobre a composição desta população e suas atividades econômicas.

Heloísa Medeiros Rodrigues (Universidade Federal da Bahia)

A IMPORTÂNCIA DA USINA AÇUCAREIRA SANTO ANTÔNIO NA REGIÃO CENTRO-OESTE: AI GUMAS REFLEXÕES

Resumo:

A Usina Açucareira Santo Antônio, fundada em 1929 e localizada na cidade de Miranda, Mato Grosso do Sul (porção sul do estado e porta de entrada ao pantanal), encerrou as atividades aproximadamente 50 anos após sua inauguração e até este momento permanece desativada. Devido à importância histórico-cultural, esse patrimônio foi tombado em esfera estadual no ano de 2007 pela Fundação de Cultura do estado de Mato Grosso do Sul. No presente, a edificação e maquinário remanescente, produzido em Paris no século 19, pela Société Anonyme des Anciens Établissements Cail, encontram-se em ruína. A localização estratégica da usina nas proximidades do rio Miranda (antigo rio Mondego) e da linha férrea da Noroeste Brasil, foram fundamentais para o transporte de insumos e escoamento da produção de açúcar e cachaça para abastecimento do mercado local (nesta ocasião Mato Grosso, divisão do estado ocorreu em 1977). Ademais, o solo fértil da região e a mão de obra indígena foram imprescindíveis para sua instalação e desenvolvimento. Assim como outras fábricas, a usina tornou Miranda um grande polo açucareiro na época. Nesse contexto, devido a notável influência da atividade econômica e cultural exercida pela Usina Santo Antônio, o presente trabalho buscou retratar sua importância para regional da época e seu contexto econômico, contextualizando aspectos arquitetônicos, políticos, culturais e sociais. A metodologia abarca um estudo delineado sob a tipologia de arquitetura industrial e métodos produtivos açucareiros, aliados a história e

desenvolvimento de Miranda e região. Nessa perspectiva, este estudo elucidou parte da história de um ciclo econômico que alavancou a região centro-oeste, destacando principalmente a importância histórica da usina para a preservação da memória e do patrimônio edificado e industrial do país.

Ignacio Sanchez (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES-CONICET)

UNA SOLUCIÓN PROVINCIAL PARA EL INGENIO SANTA ANA (TUCUMÁN, ARGENTINA), 1957-1966. ENSAYANDO RESPUESTAS A LA CRISIS AZUCARERA TUCUMANA.

Resumo:

En la segunda mitad del siglo XX entró en crisis el modelo de producción azucarera que había sostenido la provincia de Tucumán como principal abastecedora de azúcar al mercado interno argentino desde fines del siglo XIX. El complejo azucarero tucumano estaba compuesto por 27 unidades fabriles de disimiles capacidades de molienda, provistos de caña principalmente por productores agrarios independientes. Tal modelo de heterogénea y masiva participación, fue desafiado por el desarrollo de cinco grandes empresas azucareras radicaras más al norte del país que concentraban en su propiedad los cultivos suficientes para autoabastecer sus trapiches y los capitales necesarios para modernizar sus maquinarias. Sus elevados rendimientos contrastaron con los obtenidos en Tucumán, siendo esgrimidos como uno de los argumentos para desregular las políticas nacionales de tipo distributivo que habían caracterizado al rubro.

La posibilidad de cierre de los ingenios tucumanos crecientemente descapitalizados, se convirtió en una amenaza latente para las poblaciones dinamizadas por su funcionamiento, situadas generalmente en puntos distantes de los principales centros urbanos. Un ejemplo emblemático entre estos lo constituyó el ingenio Santa Ana, unidad agroindustrial erigidas a fines del siglo XIX en el sur de Tucumán como el más grande en su tipo. Desde la década de 1930 fue gestionado por el Banco Nación, pero sin poder revertir su funcionamiento deficitario

decidió en 1957 transferirlo al Estado provincial. Garantizar la continuidad de su molienda se convirtió para el gobierno de Tucumán en un modo de descomprimir la creciente conflictividad social que la crisis azucarera generaba. Los intentos de administrarlo fueron a su modo ensayos de respuestas provinciales frente al desmoronamiento de su principal actividad económica. El trabajo estudia las modalidades de gestión que adoptó el ingenio durante esos años, su desempeño y los actores que intervinieron en esa trayectoria. Desde la formación de una empresa estatal hasta su administración por parte de una Sociedad Anónima integrada por cañeros, obreros, empleados y el Estado provincial, experiencia que fue clausurada en 1966 con la intervención decretada por el gobierno dictatorial.

Janaina Couvo Teixeira Maia (Secde Estado da Educação de Sergipe)

HERANÇAS E MEMÓRIAS GASTRONÔMICAS NOS ENGENHOS DE SERGIPE

Resumo:

Este trabalho apresenta uma análise sobre a presença da herança gastronômica na obra A Vida Patriarcal em Sergipe, de Orlando Dantas. Este trabalho, um clássico da historiografia sergipana, traz informações sobre os engenhos de Sergipe, sua estrutura e, ao tratar do cotidiano e funcionalidade dessas propriedades, apresenta informações sobre a cozinha e os hábitos alimentares. Assim, partindo das contribuições desse autor, construímos uma reflexão acerca da organização da cozinha, dos costumes alimentares nos engenhos sergipanos, destacando as comidas, o modo de preparo, os ingredientes e as funções desenvolvidas pelas negras e Sinhás. Considerando a comida enquanto um importante elemento de identidade cultural, esta obra contribui significativamente para trazer informações valiosas sobre a composição da mesa dos engenhos sergipanos, destacando seus principais pratos e demais iguarias que podem fazer parte do que podemos chamar de gastronomia sergipana.

Janaina Salvador Cardoso (UNESP/Franca)

AS ALEGORIAS DA CANA-DE-AÇÚCAR EM LÍNGUA PORTUGUESA (SÉCULOS XVII E XVIII)

Resumo:

Muito se escreveu sobre a flora do Brasil durante o período moderno. Em cartas, crônicas, sermões e tratados, homens leigos e religiosos, portugueses e brasílicos, atribuíram diferentes usos às espécies encontradas na América portuguesa. As plantas nativas, no entanto, não foram as únicas que despertaram a atenção dos europeus. Espécies transplantadas também se tornaram recorrentes nesses escritos, como ocorreu com a cana-de-açúcar, introduzida nos trópicos na primeira metade do Quinhentos. Aqueles que escreveram sobre os canaviais brasílicos ressaltaram a rapidez com que a planta se multiplicou e a sua importância para a economia colonial. Entre os letrados católicos, a cana ganhou novos contornos e se tornou objeto de alegorias espirituais. Aos nos remetermos aos escritos redigidos por esses homens católicos, intentamos observar as diferentes alegorias que envolveram a cana-deaçúcar. Assim, nosso intuito é apresentar os principais vícios e virtudes atribuídos à planta e seus produtos derivados, como o açúcar e o melado, entre os séculos XVII e XVIII.

Jennifer Eaglin (Ohio State University)

MUDANDO MUDANDO A ONDA: GUARIBA, AÇÚCAR, E PROÁLCOOL FM 1984

Resumo:

No dia 15 de maio em 1984, trabalhadores agrícolas temporais, conhecidos como boias-frias, na cidade de Guariba na região dominante da produção de açúcar e do álcool, Ribeirão Preto São Paulo, iniciaram uma greve dramática para protestar contra as condições exploradoras e mau pagas do trabalho com a cana. Esses trabalhadores migraram à região para buscar trabalhos no crescente setor sucroalcooleiro, que abasteceu a indústria sucroalcooleira doméstica. Os trabalhadores encontraram condições extremas, violentas, e inseguras ainda que sua promoção tenha indicado o contrário. A greve ganhou atenção nacional quando ela parou brevemente a produção de grandes usinas e destilarias no início da lavoura nesta importante região agrícola. A produção da cana não foi só de importância econômica na região mas também foi a base do Programa Nacional de Álcool (Proálcool), desenvolvido pelo governo militar que garantiu o abastecimento de álcool como um suplemento e uma alternativa para o fornecimento nacional de combustível. Os esforços dos grevistas desafiaram a eficiente marginalização dos trabalhadores rurais que o governo militar brasileiro promoveu para apoiar seus interesses no desenvolvimento focados com uma concentração na industrialização da agricultura. O governo começou essa agenda na década de 60 e o programa do estado, chamado Proálcool (o programa nacional de álcool), intensificou essa agenda nas décadas de 70 e 80. Essa apresentação interroga a conexão entre a expansão agrícola extensiva que chegou com o programa Proálcool, a marginalização das trabalhadores rurais, a influencia dos donos de cana por causa de álcool, as condições que impulsionaram a greve, assim como o seu impacto mais tarde.

Joana Monteleone (Cátedra Jaime Cortesão | Universidade de São Paulo)

FAZER DOCES: SABERES E SOCIABILIDADES

Resumo:

A arte de fazer doces permeou as relações sociais no Brasil do século XIX, impulsionada por séculos de produção açucareira. Servir doces ao final de refeição ou comemoração em família era considerado um atributo feminino, ao lado de tocar piano, falar francês e desenhar. A prática doceira do século XIX utilizou antigas receitas portuguesas adaptadas às frutas e ingredientes locais. Para as mulheres da elite branca, contudo, esse atributo raramente era exercido de forma direta. Sob a supervisão das sinhás e donas de casa nas cidades e nas fazendas, mulheres negras escravizadas eram responsáveis pela produção caseira de doces das famílias proprietárias. Dominar a arte de fazer doces era complexo, pois era preciso saber controlar a temperatura dos fogões a lenha, o manejo dos utensílios de cobre, como tacho e as panelas, e uma série de cuidados intensivos, como mexer as panelas de maneira correta, dosar as quantidades e controlar os diferentes pontos do açúcar. O domínio de tais técnicas passou a figurar entre as qualidades que podiam ampliar ou reduzir o preço de uma mulher escravizada, como atestam inúmeros anúncios nos jornais da época.

Palavras-chave: acúcar, doces, doceiras, escravas, saberes, sociabilidade

José Evando Vieira de Melo (Prefeitura Municipal de São Paulo)

MERCADOS LIVRES, POLÍTICA INDEPENDENTE E AÇÚCAR CATIVO

Resumo:

Esse trabalho trata da expansão e transformação da agromanufatura escravista açucareira nos quadros do mercado global de açúcar de 1808 a 1888. Ao migrar para sua colônia na América, a coroa portuguesa, comandada pelo príncipe regente D. João, assentou-se em uma sociedade escravista cujo maior produto de exportação era o açúcar, abriu os portos brasileiros às nações amigas e botou abaixo o exclusivo comercial e a subordinação política que caracterizavam a dominação colonial. Nesse curto século XIX brasileiro, os antigos colonos se transformaram em classe senhorial escravista, criaram um país independente e recriaram a escravidão, ao mesmo tempo em que os impérios coloniais brintânico e francês destruíam a nefanda instituição e promoviam o abolicionismo internacional, gerando a segunda maior sociedade escravista da América, produtora de artigos agrícolas de exportação para o mercado global. A expansão da produção açucareira em novas áreas do território, a expansão do cativeiro levada a cabo pela nova política do Estado nacional, a incorporação de novas tecnologias de produção e de transportes e a disputa do mercado global é uma parte dessa história.

Juliana de Oliveira Souza (Universidade Federal da Bahia)

TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DO AÇÚCAR BAIANO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

Resumo:

Esta comunicação visa compreender as transformações experimentadas pela indústria açucareira na Bahia nas primeiras décadas do século XIX. Desde os anos finais do Setecentos – e mesmo antes –, plantadores baianos buscaram investir em técnicas de plantio, tipos diferentes de cana e inovações tecnológicas no seu processamento para aumentar a produtividade, tornando a produção baiana competitiva no mercado internacional. Para compreender o impacto desses esforços na nova conjuntura que se abriu com a Revolução do Haiti (1791-1804), pretendo seguir o pensamento e as práticas do senhor de engenho Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro marquês de Barbacena.

No acervo de cartas de Barbacena é possível identificar seu empenho em fomentar o desenvolvimento agrícola e industrial da cadeia produtiva do açúcar no Recôncavo baiano, tendo como inspiração a colônia britânica da Jamaica. A busca dos plantadores baianos por tecnologias de produção e de processamento era crescente, uma vez que o nosso açúcar perdia tanto em quantidade quanto em qualidade para a nascente indústria cubana e para a consolidada produção jamaicana, seus principais concorrentes.

A Bahia inaugurou em 1813 a primeira máquina de moer cana a vapor, introduzida por Caldeira Brant. Percebendo que o simples investimento em maquinário ou em novas técnicas de cultivo e produção de nada valeria se a mão de obra não fosse qualificada, em 1820 ele mandou vir da Jamaica dois mestres de açúcar que prometeram fazer um produto de qualidade equivalente ao da Jamaica e de Cuba. Além disso, contratou

um pedreiro inglês para construir as fornalhas mais eficientes e a casa de moer nos moldes jamaicanos. Contratou também três ajudantes portugueses para serem treinados na arte do plantio e do cultivo da cana. Anos antes, Brant havia investido na construção de tachos móveis, já utilizados e conhecidos dos engenhos cubanos e jamaicanos. Ele também importou sementes e mudas de plantas com o objetivo de melhorar a alimentação de sua mão de obra escravizada, força motriz dos engenhos na Bahia. Brant investiu, ainda, na gestão escravista, buscando novos feitores que pudessem controlar e otimizar o trabalho dos cativos em suas propriedades.

A comparação com o setor açucareiro cubano é um ponto importante, pois Cuba, assim como o Brasil, estabeleceu uma indústria voltada para a exportação alimentada pela força de trabalho escravizada africana, até o final do tráfico transatlântico de escravos em uma e outra região. Cuba passou por uma reestruturação do cultivo agrícola, pois os produtores cubanos pensaram de forma mais sistemática e atualizada - tendo entrado de cabeça no negócio bem mais tarde do que o Brasil -, produzindo manuais e cartilhas e, o mais importante, colocando em prática os conhecimentos adquiridos em viagens de espionagem tecnológica para a Jamaica e outras colônias açucareiras no Caribe. Entre 1790 e 1830, a produção cubana despontou mundialmente, rebaixando o Brasil para o posto de terceiro maior produtor mundial de açúcar. A comunicação não pretende oferecer uma visão detalhada da economia açucareira cubana, mas compreender os traços essenciais do seu modelo que atraíram a atenção dos produtores brasileiros. Felisberto Caldeira Brant Pontes será nosso quia nessa missão.

Larissa Alves de Lima (Universidade de São Paulo)

NOTAS SOBRE O LICOR NOS LIVROS DE RECEITAS DOCES.

Resumo:

Durante o século XIX os licores eram classificados como "bebidas espirituosas ou doces obtidas por distillação, ou pela mistura de essencias aromaticas com alcool e assucar". (DOCEIRO NACIONAL, 1895, p. 15). Saber produzir licores era fundamental para um bom confeiteiro, importante para comerciantes e suas receitas eram frequentemente presentes em manuais técnicos de confeitaria do período. Investigar a produção e circulação destas bebidas a partir dos livros de receitas doces de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, é uma maneira de compreender a sociedade e a industrialização daquele período. Esta comunicação insere-se na minha pesquisa de mestrado "A arte de fazer toda qualidade de doces (Rio de Janeiro, 1850-1930)".

Lélio Luiz de Oliveira (Faculdade de Economia, Adminisração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)

VIVER EM DOIS MUNDOS: INVESTIDORES E IMOBILIZADORES (VILA DO CONDE, PORTUGAL - 1560-1620)

Resumo:

O século XVI europeu notabilizou-se por conjugar atividades econômicas que vão desde a mera subsistência obtida por recursos e técnicas tradicionais até o transporte e comércio de mercadorias em grandes quantidades, sendo algumas oriundas de imensas distâncias. As formas de sobrevivência, dependendo muito do espaço vivido, estavam impregnadas de constantes permanências ou de transformações. Nesta pesquisa a opção recaiu-se sobre o interregno entre a segunda metade do século XVI e as décadas iniciais do XVII - 1560-1620 -, período que espelha parte notória do capitalismo comercial de Portugal. O espaço econômico a ser tratado vincula-se mais especificamente sobre Vila do Conde (situada ao norte de Portugal), em função de sua dinâmica portuária, seus vínculos concomitantes com a expansão marítima e com as atividades internas do reino. Dentro destes parâmetros, esta pesquisa procura contribuir para a compreensão de aspectos das atitudes de indivíduos ou grupos de indivíduos que muitas das vezes "pisavam em dois mundos" ao mesmo tempo, o medieval e o moderno. Analisa-se, portanto, os comportamentos econômicos "velhos e novos" e sobrepostos, próprios de um período de transição. Neste contexto, não são poucos os autores que ressaltam a ascensão e importância do açúcar como produto que revigora a economia portuguesa, notadamente a produção oriunda do Brasil. Assim, para atingir os objetivos traçou-se um paralelo entre o preço e a produção do açúcar e o comportamento econômico dos homens do mar – mercadores, pilotos, mareantes – e suas aquisições de imóveis no decorrer do tempo. A análise priorizou a demonstração das estratégias de investimentos destes indivíduos no período de crise dos preços do açúcar, notadamente entre 1600 e 1620, considerado como um período de declínio econômico em um ciclo de Kondratieff. Desta forma, o açúcar foi adotado como uma proxy para a verificação dos impactos da economia externa na economia interna de Portugal, especialmente de Vila do Conde e arredores. Na tentativa de melhor compreensão do processo, nesta fase do trabalho, optou-se por uma análise de redes a partir dos documentos disponíveis para o período. O enfoque dado, leva muito em consideração a mudança conjuntural da economia decorrente da queda abrupta do preço do açúcar e a reversão de parte dos investimentos ultramarinos em direção a imobilização de recursos na metrópole. A leitura desse movimento, reflete nesta pesquisa o comportamento dúbio dos indivíduos, de forma específica daqueles que mantinham negócios marítimos.

Lélio Luiz de Oliveira; Renato Leite Marcondes (Universidade de São Paulo)

O AÇÚCAR BRASILEIRO DESEMBARCADO NO PORTO - PORTUGAL (SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII)

Resumo:

O Império português ao final do século XVI passou, como nos ensina Godinho, por uma transformação estrutural, que consequentemente moldou os séculos seguintes. A concorrência com os holandeses e ingleses no Índico direcionou forçosamente as atividades portuguesas para Angola e Brasil. A África passou a atender com vigor a mão de obra para a produção do açúcar e do tabaco em terras brasileiras.(1) Diferentemente dos investimentos na Ásia, que eram basicamente comerciais, os portugueses ao priorizarem o Brasil e a plantação açucareira voltaram-se para a produção, o que demandava imobilizar recursos, ordenar o uso da terra e obter mão de obra escrava necessária.(2) Essas raízes profundas da economia açucareira perduraram durante o século XVIII (e virada para o XIX), a despeito dos ciclos de produção e preços(3), da extração do ouro das Minas Gerais(4) e das mudanças de rumo das políticas mercantilistas em Portugal. Ao focar especialmente a segunda metade do século XVIII, tempo de renascimento agrícola na colônia, este trabalho sustenta-se empiricamente nos registros fiscais de chegada do açúcar à Metrópole, objetivando contribuir para a análise da complexidade do fluxo de açúcar dos portos brasileiros em direção ao Porto. O objetivo desta proposta é complementar as informações disponíveis das exportações de açúcar para Portugal durante a segunda metade do século XVIII.(5) As Balanças Gerais de Comércio do Reino Portugal com seus Domínios são mais regulares apenas para o final do século XVIII.(6) Realizamos a análise a partir dos rendimentos da alfândega, depositados no acervo do Erário Régio do Tribunal de Contas e em outros arquivos portugueses. A tributação ocorria, regularmente ao longo do ano, por meio do peso e do tipo do açúcar. Desse modo, revelamos os períodos e os ciclos, que confrontamos com movimentos da economia brasileira e portuguesa da época.

(1) GODINHO, Vitorino Magalhães. Flutuações econômicas e devir estrutural do século XV ao século XVII. In: ______. Ensaios sobre história de Portugal. 2.ed. (correcta e ampliada). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978. p.277-8.

- (2) SCHWARTZ, Stuart B. A economia do Império Português. In: BETHENCURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada (Dir.) A expansão marítima portuguesa, 1400-1800. Lisboa: Edições 70, 2010. p.32. FERLINI, Vera Lúcia Amaral. Terra, trabalho e poder. O mundo dos engenhos no Nordeste colonial. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 61.
- (3) MONT SERRAT, Pablo. O Império português no Atlântico. Poderio, ajuste e exploração. São Paulo, 2013. Doutorado (História Econômica)- FFLCH-Universidade de São Paulo, 2013. (4) GODINHO, Vitorino Magalhães. Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670-1770). In:______ Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar. Lisboa, 1990. COSTA, Leonor Freire; ROCHA, Maria Manuela. Remessas do ouro brasileiro: organização mercantil e problemas de agência em meados do século XVIII. Análise Social, n.182, p.77-98, 2007. COSTA, Leonor Freire; ROCHA, Maria Manuela; SOUZA, Rita Martins de. O ouro cruza o Atlântico. Revista do Arquivo Público Mineiro, v.42, n.2, jul-dez, p.71-86, 2005. COSTA, Leonor Freire. Entre o açúcar e o ouro: permanência e mudança na organização dos fluxos (séculos XVII e XVIII). FRAGOSO, João. et. al. Nas rotas do Império. Eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006. p.97-134.
- (5) ALDEN, Dauril. Late colonial Brazil, 1750-1808. Bethel, Leslie (ed.). Colonial Brazil. London: Cambridge University Press, 1987. SCHWARTZ, Stuart B. Plantations and peripheries, c. 1580-c.1750. Bethel, Leslie (ed.). Colonial Brazil. London: Cambridge University Press, 1987.
- (6) ARRUDA, José Jobson de. O Brasil do comércio colonial. São Paulo: Ática, 1980. MOREIRA, Maria Cristina. Portugal, 1775-1831. Revue de L'OFCE, 140, v. 4, p. 319-333, 2015.

Libia Amaral Corrêa (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

A DOÇARIA CEARENSE NO "NÃO ME DEIXES" DE RACHEL DE QUEIROZ

Resumo:

A gastronomia é uma manifestação cultural que ajuda a entender o que se come e como se come, ela se manifesta nos hábitos alimentares, nos insumos, nas preparações e utensílios que circundam a alimentação. O açúcar ganha importante destaque em um ramo da gastronomia conhecido como Confeitaria ou Doçaria. O livro "Açúcar, uma sociologia do doce" de Gilberto Freyre é um marco para entendermos o gosto pelo açúcar, sobretudo no Nordeste e por ter trazido em seu corpo e anexos variadas receitas, enriquecendo um livro de sociologia com algo que fora considerado banal como um compilado de receitas de doces e bolos. Neste resumo, pretende-se compreender como a doçaria cearense se desenvolveu, analisando-a a partir da obra "O não me deixes" de Rachel de Queiroz", neste livro a escritora fala das memórias do sítio que nomeia o livro, principalmente das lembranças em torno da cozinha, das comidas, das técnicas e das festas. Justifica-se perseguir esse objetivo pela importância do "Não me deixes" como um livro que se eleva à categoria de fonte histórica sobre uma cozinha cearense possível, por retratar o cotidiano de uma cozinha e suas cozinheiras sertanejas, elaborando quitutes que poderiam estar em qualquer cozinha de um sítio do sertão cearense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e, para realizála, utilizou-se a revisão bibliográfica, de forma exploratória, para um vislumbre de pistas e ideias sobre a ocorrência de uma doçaria cearense. A importância do açúcar no Brasil vem do ciclo econômico açucareiro, momento em que Portugal explora sua colônia na produção de açúcar

para abastecer a Europa, sequiosa de consumir produto considerado luxuoso e raro. O solo nordestino recebeu com abundância a cana-deaçúcar, "os lucros logo agradaram Portugal, e o Brasil se tornou o maior fornecedor da monocultura da cana-de-acúcar nos mercados mundiais(FREIXA e CHAVES, 2015,p 180)". Daí entender-se o dizer de Gilberto Freyre que "sem açúcar não se compreende o homem do nordeste". O próprio Freyre nos apresenta entrelinhas o que poderia ser a doçaria cearense, em seu primeiro anexo do "Açúcar" ele recorre a uma sinhá cearense do município de Sobral na coleta de receitas de bolos, doces, pudins e biscoitos tradicionais. O que viria a ser uma comida típica? Seria um conjunto de manifestações gastronômicas, "a junção de saberes e sabores decorrentes de alimentos e bebidas e de práticas que caracterizam hábitos alimentares de uma localidade, em seu processo histórico-cultural de construção (COSTA e MARÇALO, 2020). Essa construção de saberes e sabores adentra ao mundo do açúcar, traduzindo-se mais especificamente na confeitaria de um lugar.

Ao pesquisar sobre a confeitaria tipicamente brasileira, inevitavelmente, chega-se ao âmbito doméstico e ao cotidiano desde os tempos da colônia. Ao falar sobre o ambiente doméstico Lody(2009) fala: "a cozinha é um espaço privilegiado no âmbito da casa, marcadamente da mulher, das atividades artesanais na preparação dos alimentos, fazendo viver entre alguidares, pilões, panelas, colheres de pau." Rachel de Queiroz(2010) afirma que "no Ceará comem-se com fidelidade as receitas das senhoras-donas, nossas avós" e remete o livro inteiro às receitas transformadas em preparações, sobretudo, nas mãos da cozinheira Nise. Além do ambiente doméstico ela chama atenção para a formação da culinária sertaneja cearense, a exemplo de Cascudo e Freyre, para um entremeado das culturas indígena, africana e portuguesa, devido às interseções na formação da cultura brasileira como um todo. Ela lembra que na cultura do nordeste pobre, como a do Ceará,

que não possuía extensas plantações, a magra culinária indígena se encontrou com uma abundância portuguesa mais moderada "não se produzia nem café, nem açúcar, não se exigia mão de obra servil, seguia mais a tradição indígena". Todavia, o elemento negro introduz uma riqueza, imaginação e capricho sem precedentes na culinária.

Segundo Câmara Cascudo, a criatividade brasileira se traduziu na riqueza em que o abundante açúcar se juntou às frutas, legumes e castanhas brasileiras e formou uma doçaria própria, escreveu ele: "com açúcar fazem as mulheres deles mil manjares, aos cajus...fazem-se estes cajus de conserva, que é muito suave, e para se comerem logo cozido no açúcar cobertos de canela não têm preço"; ele continua "não havia limites na improvisação surpreendente. As castanhas do caju... destas castanhas fazem as mulheres todas as conservas doces que costumas fazer com as amêndoas (CASCUDO, 2004)".

Os doces eram abundantes no "Não me deixes", aliados à rapadura do dia a dia, surgem os bolos, os doces de espécies, os doces de caju, as castanhas, as abóboras doces e os bolos herdados de Pernambuco como o Souza Leão. Rachel afirma: "a mesa do Não Me Deixes sempre foi pródiga em doces, pois a dieta do nordestino é rica em açúcar. (QUEIROZ,2010,). Surgindo nessa cozinha desde o doce da banana coruda, a pacova, quanto as castanhas confeitadas de receber as visitas mais ilustres em festa.

Podemos concluir indicando a necessidade de pesquisas que envolvam História e Gastronomia, como forma de entender o passado através dos estudos da Alimentação. Seja mapeando receitas, utensílios e hábitos alimentares, seja buscando dicas nos livros e produções culturais produzidos, verificando suas entrelinhas. Uma doçaria tipicamente cearense existe, ela é um desdobramento do que seja a doçaria nordestina, embora, com as limitações financeiras de um lugar mais pobre, marcado pela frugalidade e pela fome, em uma disputa por

sobrevivência. Essa confeitaria surge nas cozinhas dos sítios e fazendas, nas mãos das cozinheiras habilidosas, perpetuando receitas transmitidas de mães para filhos, oralmente ou em velhos cadernos de receitas. É uma doçaria rica surgida de laranjas-da-terra, macaxeiras e muricis, com farinha e açúcar, povoada por chibés e alfenins. Entender a doçaria cearense e nordestina é, também, um passo para entender o que é ser brasileiro.

CASCUDO, L.C. História da Alimentação no Brasil. 3.ed. São Paulo: Global, 2004.

COSTA, E.W.C; MARÇALO,M.J. Léxico da Gastronomia no Ceará: língua e identidade dialetal. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020

FREIXA, D; CHAVES, G. Gastronomia no Brasil e no mundo. 53.ed. Rio de Janeiro: Senac, 2015.

LODY, R.G.M. À mesa com Gilberto Freyre. 2.ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

QUEIROZ, R. O não me deixes: suas histórias e sua cozinha. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

Lucas Alves da Rocha (Universidade Federal de Pernambuco)

A SANTA E O ENGENHO: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA OCUPAÇÃO LUSO-BRASILEIRA NA BAIA DE SUAPE (CABO DE SANTO AGOSTINHO, PE) ENTRE 1580 A 1630.

Resumo:

O município do Cabo de Santo Agostinho, no litoral sul de Pernambuco, acerca de 45 km da capital do estado, Recife, possui uma história profunda com a cultura do açúcar no período colonial, porém em mesma escala possui vácuo que devem ser preenchidos através da pesquisa arqueológica e histórica.

A ocupação luso-brasileira mais intensa da região que hoje compreendo o município citado, começou a ser realizada após o extermínio dos grupos tupi que viviam naquela região, na segunda metade do século XVI, as terras ao sul foram basicamente divididas entre três nobres que participaram da batalha, e basicamente a região do Cabo ficou sobre os cuidados de João Paes Barreto, porém o maior ancoradouro da região e o promontório que batiza a região não estava dentro de suas sesmarias. Nas últimas duas décadas do século XVI, uma vila se formou no promontório, porém sua origem e a quem estava ligada eram um completo mistério, entretanto, com o início em 2013 de uma pesquisa histórica que culminou em uma ampla pesquisa arqueológica, que além de compreender a "espacialidade de um engenho", também localizou importantes sítios arqueológicos ligado as defesas destes engenhos no início do século XVII, durante a querra Brasílica.

Marcelo Loyola de Andrade (Universidade de São Paulo)

O LIVRO DE IMPOSTO SOBRE A CACHAÇA "ESPÍRITOS FORTES" DE ILHÉUS-BAHIA, 1862-1889

Resumo:

O Livro de imposto sobre a cachaça "espíritos fortes" de Ilhéus encontrase disponível no Arquivo Público do Estado da Bahia, cobrindo o período de 1862 a 1889. Trata-se de uma fonte inédita, que revela o abastecimento interno da bebida na época da expansão da lavoura cacaueira. O objetivo desta comunicação é apresentar as características do documento, ressaltando suas potencialidades para a compreensão da história de Ilhéus no século XIX.

María Celia Bravo (Universidad Nacional de Tucumán – CONICET)

LA FORMACION DE LA COMPAÑIA NACIONAL AZUCARERA SA (CONASA) EN TIEMPOS DE LA DICTADURA ARGENTINA, 1970

Resumo:

La dictadura argentina (1966-1973) denominada Revolución Argentina desarrolló una política tendiente a la concentración productiva que castigó severamente al área productiva de Tucumán con el cierre de 11 ingenios azucareros. Las clausuras de fábricas se produjeron entre 1966-1968 y dejaron un saldo de 8126 desocupados en el ámbito fabril, cifra que debe ampliarse con la reducción de personal de surco estimado en 32.077 trabajadores. A este grupo deben computárselos 9123 productores de caña (conocidos como cañeros chicos) que fueron expulsados compulsivamente de la actividad con la expropiación del cupo de producción. El colapso productivo de Tucumán se reflejó también en una rebelión popular, conocida como Tucumanazo (noviembre de 1970) que expresó de manera activa el sentimiento antidictatorial en la provincia.

La creación de CONASA se inscribe en ese contexto. Surgida para evitar el cierre de nuevos ingenios azucareros y para mitigar la reacción antidictatorial que había tomado impulso en Tucumán y otras provincias argentinas, el estado argentino hacía pie en la producción azucarera. El trabajo explora las razones que generaron la creación de la compañía y las reacciones de los distintos factores azucareros. Al mismo tiempo, examina la forma que tomó la compañía por las distintas presiones e intereses que incidieron en el negocio azucarero, hasta que adoptó una conformación definitiva.

Se trata de una problemática poco explorada. Las fuentes utilizadas son la revista Industria Azucarera, además de la prensa nacional y tucumana del período.

María Soledad Gianfrancisco (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES - CONICET)

EMPRESA, PATRIMONIO Y SUCESIONES, EL CASO DE LA FAMILIA NOUGUÉS (1821 - 1986)

Resumo:

En este trabajo analizaremos, en perspectiva histórica, la historia familiar y la trayectoria de la empresa azucarera de la familia Nougués, con el objetivo de reconstruir su organización interna, sus lógicas de inversión, estrategias y relaciones con el ambiente económico, social, político e institucional. Nuestro período de análisis abarca desde 1832 hasta 1986 momento del declive financiero y económico de la firma.

La empresa familiar de los Nougués reviste de gran interés, no sólo por su trayectoria, sino porque invita a la reflexión sobre la industrialización temprana de la Argentina. Su perdurabilidad en el tiempo es el reflejo de su adaptación a una economía cambiante y se transforma en un caso muy atinado para ejemplificar la transición de estancias a grandes propiedades como empresas modernas, aspectos de suma importancia a la hora de evaluar el desenvolvimiento empresarial en la agroindustria azucarera.

Por otra parte, permite aportar información en el campo de estudio de las "empresas familiares" como forma típica de propiedad y gestión empresarial en regiones de industrialización tardía.

Pablo Oller Mont Serrath; Rafael Coelho (Universidade de São Paulo)

LEGISLAÇÃO SOBRE DÍVIDAS DOS SENHORES DE ENGENHO (BAHIA, SÉCULO XVII)

Resumo:

A partir de meados do século XVII, num contexto de expansão da produção atlântica de açúcar e maior competição no comércio internacional, os senhores de engenho da Bahia, alegando dificuldades financeiras, acionaram diversas vezes a Câmara Municipal da cidade do Salvador para alcançar, junto à Coroa, proteção para o seu negócio. Como consequência, a Coroa, visando a continuidade do negócio açucareiro, promulgou leis que proibiam a execução de dívidas sobre mão de obra escrava e equipamentos dos engenhos. Nesta comunicação, discutiremos esta legislação mercantilista, relacionando as flutuações de preços no mercado internacional e a produção colonial.

Roberta Barros Meira (Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)

O ENTRELAÇAR DE DUAS PAISAGENS AÇUCAREIRAS: A INDÚSTRIA AÇUCAREIRA ARGENTINA E BRASILEIRA NAS MEMÓRIAS DE RODRIGUEZ MARQUINA E J. PICARD

Resumo:

Os relatórios e memórias produzidos pelos técnicos em torno do tema da indústria açucareira trazem à luz o impacto das ciências agronômicas no limiar do século XIX e no primeiro quartel do século XX. A imbricada rede de técnicos que unia os diferentes espaços agrários entre si foi um fator importante para repensar as antigas técnicas de produção do açúcar e cultivo dos canaviais. Aos embates pelos mercados internacionais ou pelo consumo interno de cada país veio se somar as ideias de progresso agrícola que se vinculava cada vez mais à ciência. Este trabalho pretende discutir a circulação de saberes, os problemas ambientais, os projetos que buscavam a racionalização da produção açucareira e as tensões entre seus diversos atores na visão de dois técnicos que vivenciaram as mudanças nas paisagens açucareiras no Brasil e na Argentina.

Roberto Emmanuel González (Universidad Nacional de Tucumán)

EL DIARIO EL TRÓPICO DE TUCUMÁN FRENTE A LA POLÍTICA AZUCARERA PERONISTA, 1947-1948

Resumo:

El primer peronismo (1946-1955) desplegó una decidida política intervencionista en la agroindustria azucarera con varios objetivos: aumentar la producción para garantizar el autoabastecimiento del producto, modernizar la actividad y resolver conflictos intersectoriales de larga data. Sin embargo, los problemas persistieron y los objetivos productivos no fueron alcanzados. En ese contexto nos interesa indagar como el diario El Trópico, editado por la Universidad Nacional de Tucumán y alineado con el gobierno peronista, analizó –durante su primer año de existencia, 1947-1948– los problemas del sector. Aunque su estilo era marcadamente apologético de la política oficial, no carece de interés identificar los diagnósticos del periódico, sus posicionamientos frente a las cuestiones que enfrentaban a industriales con cañeros y trabajadores y las soluciones que proponían, interrogándonos, asimismo, sobre la representatividad de sus posiciones en el marco del peronismo tucumano.

Rosario Mocoroa (Universidad Nacional de Tucumán)

APROXIMACIONES HISTORIOGRÁFICAS REFERENTES AL PERIODO DE GESTACIÓN DE LA MODERNA INDUSTRIA AZUCARERA TUCUMANA

Resumo:

El cultivo de caña de azúcar en la provincia de Tucumán remonta sus orígenes a la época colonial, con producción incipiente en las haciendas jesuitas. Sin embargo, su explotación comercial comenzó a difundirse en la tercera década del siglo XIX con la instalación de trapiches y alambiques, especialmente en los alrededores de la capital provincial. Se iniciaba así la gestación de un nuevo perfil productivo que marcará el nacimiento de la transición de un modelo dominado por el capital mercantil a un modelo de capitalismo agroindustrial, un proceso que durará varias décadas. Este periodo de gestación de lo que será la poderosa industria de la caña de azúcar a fines del siglo XIX ha sido definido como "preindustrial" y transcurriría, aproximadamente, entre 1830-1876. El estudio de esta etapa es una de las asignaturas pendientes de la historiografía azucarera, sin cobrar todavía la entidad que la cuestión merece, a tal punto que la mayor parte de los historiadores e historiadoras que incursionan la temática se inspiran en dos libros clásicos de Emilio Schleh, editados en 1921 y 1945. El presente trabajo tomará esta obra como la obertura de una revisión historiográfica que aspira a caracterizar la morfología de dicho periodo.

Silvio Luiz Cordeiro (Universidade de São Paulo)

RUÍNAS DE UM VELHO ENGENHO: ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA

Resumo:

Desde a iniciativa do fundador da primeira vila colonial regular no Brasil em 1532, ao investir com outros sócios numa unidade produtora de açúcar, instalada pouco depois em lugar estrategicamente selecionado, conjugando atributos que favoreciam tanto à defesa quanto à produção propriamente dita, vemos hoje as ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos inscritas na paisagem urbana periférica da Cidade de Santos, incluindo áreas contíguas de Mata Atlântica ao sítio exemplar, testemunho histórico não apenas da exploração colonial, mas de outras culturas que ali habitaram muito antes da chegada de europeus.

A origem deste engenho quinhentista remonta portanto a uma sociedade mercantil formada por armadores, entre eles o próprio Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, além de um flamengo aparentado de Erasmus Schetz, grande mercador e financista residente em Antuérpia, quem adquiriu o engenho, talvez antes de 1545, quando comprou o senhorio de Grobbendonk e seu castelo situado nas campinas flamengas. Assim, tais remanescentes arquitetônicos, reconhecidos como monumento nacional, estão entre os mais significativos ainda existentes no Brasil: são ruínas representativas do período em que o domínio colonial se estabeleceu sobre terras indígenas ancestrais, terras que abrigam também evidências culturais de habitantes ainda mais antigos no mesmo sítio arqueológico hoje visitado pelo público, por exemplo do provável sambaqui, utilizado para se erigir as estruturas de porte defensivo, em topografia mais elevada, e que serviram aos vários feitores contratados por Erasmus e seus filhos para comandarem, bem ou mal, este engenho de açúcar instalado no termo da Vila de São Vicente. As ruínas foram institucionalmente reconhecidas em fins da década de 1950 por sua importância patrimonial, como vestígio físico daqueles primeiros tempos em que se formava uma colônia ultramarina de Portugal neste lugar, cuja presença humana, muito anterior à chegada de navegadores europeus, compreende uma paisagem insular de grande relevância histórica e arqueológica.

A partir da análise dos remanescentes em ruínas deste velho engenho de açúcar, assim como da própria paisagem em que tais estruturas foram implantadas, apresentaremos os principais elementos relacionados à seleção do sítio e à técnica construtiva, evidenciados durante nossos estudos na conjunção entre olhares da história, da arquitetura e da arqueologia deste lugar.

Simone da Silva Viana (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro I RJ)

AUGE E DECLÍNIO DA ATIVIDADE SUCROALCOOLEIRA:
AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NA BAIXADA
CAMPISTA/R.I

Resumo:

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com antigos operários de uma usina sucroalcooleira da Baixada Campista/RJ, visando apreender as práticas e o imaginário sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, os novos arranjos e a dinâmica das forças produtivas e da classe operária durante o auge e após o declínio da Usina. O objetivo foi o de identificar e analisar, a partir da memória dos antigos operários da Usina os tipos de trabalho desempenhados, as inovações adotadas no processo produtivo e as diferentes formas de sobrevivência encontradas a partir do declínio do setor sucroalcooleiro, dando oportunidade a afirmação desses sujeitos em espaços ainda precarização do trabalho. Os procedimentos marcados pela metodológicos adotados foram: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e o método dos itinerários. Os resultados obtidos apontam a continuidade e o fortalecimento de diferentes formas da precarização do trabalho na Baixada Campista, destacando as histórias e memórias dos antigos operários sobre o mundo do trabalho vivenciado por eles no espaço da usina.

Soledad Candelario (Instituto Superior de Estudios Sociales (ISES)

LA TECNOLOGÍA AGROINDUSTRIAL CAÑERA. TUCUMÁN - ARGENTINA (1778 – 1870)

Resumo:

Recientemente desde la Arqueología Industrial se ha impulsado una serie de proyectos de interés patrimonial en Tucumán, Argentina. Los mismos se enfocan principalmente en los procesos técnicos y productivos para la elaboración de azúcar, mieles y aguardientes en la etapa preindustrial de la actividad, de principios del siglo XIX a 1870. En dichos estudios se destaca el registro y recuperación de artefactos y estructuras, los que comparados y contextualizados con materialidades de otros casos latinoamericanos han permitido una primera aproximación a la cultura material azucarera local, aunque a partir de sólo dos sitios, los únicos hasta ahora investigados. Con el mismo objetivo, en el presente trabajo abordamos la tecnología agroindustrial cañera tucumana a partir de evidencias documentales de una amplia muestra de ex establecimientos productivos del período citado. Para ello se realizó un relevamiento de inventarios y periódicos, en los cuales se identifican una amplia variedad de artefactos, cuyas formas, dimensiones, composición y posibles usos se asocian a los espacios agrícolas y fabriles, al cultivo, cosecha y procesamiento de la caña de azúcar. Dichas aproximaciones permiten esbozar un diagnóstico sobre la variabilidad artefactual, sus implicancias en los procesos productivos y las relaciones interpersonales de los usuarios con la tecnología.

Ulises Rafael Garcia (Facultad de Filosofia y Letras – Universidad Nacional de Tucuman)

UNA APROXIMACIÓN A LA CRISIS EN LA GESTIÓN ECONÓMICA DEL INGENIO SANTA ANA (1958-1966).

Resumo:

El ingenio Santa Ana, fue considerado como uno de los mayores ingenios del país en la década de 1890. Llegó a dar trabajo a unas 1.800 personas y contaba con 1500 hectáreas de cañaverales. Pero en el año 1966 sus puertas cerraron para no abrirse nunca más.

En Junio de ese año la dictadura militar del Gral. Onganía, a través del decreto-ley 19.926, dispuso el cierre y desmantelamiento de siete ingenios, entre los cuales se incluía él Santa Ana.

Una insistente campaña que condenaba a los ingenios azucareros tucumanos como "antieconómicos", desplegada por sobre todo desde algunos medios de la prensa escrita, había precedido el golpe militar. Algunos historiadores proponen que estos postulados inspiraron el accionar de la autodenominada "Revolución Argentina" en materia azucarera, achicar (desmantelando un buen número de fábricas) la industria tucumana.

Más allá de que es necesario revisar la justeza de ese negativo diagnóstico sobre los ingenios tucumanos, que producían el 70% del azúcar argentina, es innegable que los problemas económicos, financieros y técnicos por los que atravesaban eran muy serios, que la gravedad de los mismos eran muy diferentes y que las historias de los últimos años de los 11 ingenios que cerraron entre 1966 y 1968 no son coincidentes. Por lo tanto, deben indagarse, caso por caso, las razones por las que devinieron en empresas inviables desde el punto de vista económico y/o político.

Planteado este contexto, en este trabajo daremos cuenta de la administración de la empresa agroindustrial adquirida por la Provincia de Tucumán en el año 1958 para salvaguardar la fuente de trabajo. El análisis abarcará también los años 1963-1966 en el cual el Ingenio Santa Ana queda constituido por una sociedad mixta para su explotación donde fondos provinciales conjuntamente con cañeros, empleados y obreros del ingenio tomarán la rienda de la unidad azucarera hasta su cierre y desmantelamiento en Agosto de 1966.

Stuart B. Schwartz (Yale University)

A TOMADA DA BAHIA PELOS HOLANDESES E A "GUERRA DE MERCADORES": O ARBÍTRIO DE FRANCISCO DE RETAMA - 1624

Resumo:

O término da trégua de doze anos (1609-1621) entre a Monarquia Hispânica e os Países Baixos levou as colônias portuguesas para o centro do conflito europeu. A produção e o comércio do açúcar estavam em seu auge e o nordeste brasileiro passou a ser muito cobiçado pelos holandeses. Nesta fala trazemos à luz o arbítrio do mercado andaluz, Francisco de Retama, sobre a tomada da Bahia de 1624. Figura conhecida da Junta de Comércio, Retama escreveu numerosos arbítrios em matéria de política econômica, comércio e em particular, a respeito dos assuntos econômicos holandeses, nos quais ele era especialista. Retama viria a ser mais bem conhecido como um dos principais nomes a argumentar em favor da criação de uma Companhia de Comércio nos moldes holandeses pelos espanhóis. Seu arbítrio é um exemplo tanto da importância que a economia do açúcar passava a ter naquele período bem como das contradições e dificuldades de uma monarquia compósita frente à necessidade de competitividade econômica que, na opinião de Francisco de Retama, era a chave para o enriquecimento dos países.

Ulisses Pernambucano de Melo Neto (Patrimônio Cultural e Ambiental)

O AÇÚCAR E A MORADA FRANCISCANA NO NORDESTE: SENZALA

Resumo:

Esta apresentação está focada na presença da senzala nos programas arquitetônicos da Ordem Franciscana no Nordeste brasileiro. Com base nas pesquisas documentais realizadas na Paraíba, entre 2018 e 2020 sobre o tema, ficou reiterada a participação do açúcar na presença da morada dos escravos nos conjuntos religiosos desta Ordem, desde o XVII.

Virgínia de Cerqueira Silva (Universidade de Évora)

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO PARAGUAÇU, UM CONVENTO NO MUNDO AÇUCAREIRO.

Resumo:

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Convento de Santo Antônio do Paraguaçu, localizado no entorno da baía de Todos os Santos, no município de Cachoeira, estado da Bahia, Brasil.

O Convento de Santo Antônio do Paraguaçu teve sua fundação, sua vida útil, assim como sua estrutura construtiva, intimamente relacionados com a existência da produção açucareira na região do Iguape, que durante o século XVIII foi a região mais importante no cenário açucareiro colonial e mesmo mundial.

As mais importantes edificações coloniais brasileiras, como ressalta John Bury em sua obra Arquitetura e Arte no Brasil (1991), são edificações religiosas e encontram-se na faixa litorânea que se estende desde a região Norte até o Sudeste do Brasil. O convento de Santo Antônio do Paraguaçu, localizado no litoral da Bahia, é uma dessas edificações e destaca-se por sua bela localização e por suas inequívocas caraterísticas típicas da arquitetura colonial brasileira.

Com sua fachada piramidal, dividida em três níveis e adornada por curvas, contracurvas e imensos pináculos, o Convento do Paraguaçu apresenta características arquitetônicas inovadoras para o período, assemelhando-se ao casario dos engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro.

Sua edificação, aprovada em fevereiro de 1649, ocorreu entre 1654, ano em que foi lançada a pedra fundamental, e o ano de 1686, última data gravada na lateral da igreja. O conjunto edificado era formado por Adro escalonado, igreja de nave única, Sacristia, biblioteca (sobre a sacristia),

Sala do Capítulo, Portaria, Claustro em dois andares, celas, refeitório, cozinha, mirante e aqueduto.

No princípio do século XX, já despovoado, foi entregue a arquidiocese de São Salvador da Bahia, deixando, oficialmente, de ser uma casa franciscana. Desde então suas terras foram vendidas, sua ala conventual, já em adiantado estado de deterioração, foi dilapidando, os ornamentos internos da igreja, da Sacristia e da Sala do Capítulo foram vendidos, e, por fim, o convento do Paraguaçu caiu no quase total esquecimento.